

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE MEDICINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

JULI CABRAL DA COSTA

ABRINDO O ZÍPER:

**Reflexões sobre sexualidade e expressão sexual no campo
da Terapia Ocupacional**

Rio de Janeiro

2017

JULI CABRAL DA COSTA

ABRINDO O ZÍPER:

**Reflexões sobre sexualidade e expressão sexual no campo
da Terapia Ocupacional**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção de grau em Terapia Ocupacional.

Orientador: Marcus Vinícius Machado de Almeida

Rio de Janeiro

2017

ABRINDO O ZÍPER:

Reflexões sobre sexualidade e expressão sexual no campo da Terapia Ocupacional

JULI CABRAL DA COSTA

Monografia apresentada ao Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do título de graduação em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Marcus Vinicius Machado da Almeida – Orientador

Profa. Fernanda Marinho – Membro da Banca

Profa. Marcia Cabral da Costa – Membro da Banca

Apresentado em: ____/____/____

Conceito: _____

Dedico este trabalho a minha amada e guerreira mãe Maria Pirola, a memória do meu afetuoso pai Aluizio Cabral e ao fruto de meu amor e satisfação sexual, Francisco Cabral de Moura Martins.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão de imediato para meus grandes inspiradores, Marcia Cabral da Costa que nos meus momentos de naufrágio, esteve ali para me segurar e me guiar sobre as altas ondas do mar ressecado, e como um farol me mostrou o caminho para chegar a praia em terra firme e ao meu mestre Marcus Vinícius Machado de Almeida, que sempre possibilitou e potencializou o diálogo sobre a sexualidade humana e me ajudou na minha caminhada. Na constante vivência cotidiana com ambos, eles me oportunizaram a conhecer e a amar a Terapia Ocupacional e me ensinaram a ser uma profissional pautada na ética e na atenção das singularidade de cada ser humano que necessitam de cuidados em Terapia Ocupacional.

Toda a minha gratidão a minha mãe, que me ajudou a cuidar do meu filho com todo seu amor, durante toda minha luta para a conclusão do curso de Terapia Ocupacional.

Ao meu amado e companheiro Alvaro de Moura Martins que sempre esteve ao meu lado nos momentos de prazer, buscando sempre minha satisfação pessoal e ao mesmo tempo mútua e nos momentos de desespero, medo e insegurança, vinha sempre com sua positividade e alegria carnavalesca me tranquilizar para os novos desafios da vida real.

“Amor é cristão

Sexo é pagão

Amor é latifúndio

Sexo é invasão

Amor é divino

Sexo é animal

Amor é bossa nova

Sexo é carnaval.”

Rita Lee.

RESUMO

COSTA, Juli Cabral (2017), **Abrindo o Zíper – Sexualidade e Expressão Sexual Reflexões no campo da Terapia Ocupacional**. Rio de Janeiro, Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O presente trabalho pretende investigar o campo da Terapia Ocupacional em relação com tema sexualidade humana. Para tal, a pesquisa investigou o campo conceitual da profissão através de textos clássicos e artigos científicos. Também avaliou a estrutura curricular das instituições públicas do país e procurou analisar o pouco investimento que a Terapia Ocupacional faz investigação da sexualidade humana, relacionando ao um estudo genealógico da história da sexualidade no mundo ocidental.

Palavras- chaves: Sexo, sexualidade, expressão sexual, Terapia Ocupacional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: SEXUALIDADE, MUNDO OCIDENTAL E TERAPIA OCUPACIONAL	18
1.1. OTTO GROSS E A REVOLTA DA SEXUALIDADE.....	29
CAPÍTULO 2: EXPRESSÃO SEXUAL E O CAMPO DA TERAPIA OCUPACIONAL.....	32
2.1 A LITERATURA DA TERAPIA OCUPACIONAL.....	32
2.2 O CAMPO DA FORMAÇÃO.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha formação como terapeuta ocupacional me deparei com diversas áreas de atuação que se propunha intervir nas necessidades de cada indivíduo de forma ampliada, abrangendo a vida cotidiana em todas as suas esferas. Entretanto, percebi uma falta no que se refere ao trabalho clínico com sexualidade humana, visto que em minha sensibilidade, esta faz parte das atividades cotidianas, dos fazeres, das ocupações, da felicidade humana e da vida. Assim, como as demais áreas do desempenho ocupacional, a sexualidade necessita de um olhar cuidadoso pelos profissionais da Terapia Ocupacional. Porém ao longo desta pesquisa percebemos uma grande ausência de discussões, textos, estratégias e debate. Durante minha graduação tive apenas uma disciplina que abordava o assunto, isto é a disciplina de Disfunções Neurológicas em Terapia Ocupacional. Mesmo buscando a literatura, o tema sexualidade parece nas bases conceituais da profissão, mas no momento de intervir, atuar, avaliar há um abismo que se apresenta. Se poucos professores e em raros momentos falavam da sexualidade, sentia que mesmo os mais dispostos a enfrentar este tema não tinham uma formação específica para tal e suas propostas foram mais descobertas por sua experiência e intuição do que a presença de um forte referencial teórico, técnicas ou até mesmo investigações filosóficas e conceituais. A sexualidade não estava desnuda para nós terapeutas ocupacionais, estava oculta e encoberta. E o pior, numa profissão que afirmar analisar, pesquisar e restaurar todas as atividades cotidianas! Será que as pessoas não transam, não sentem desejos porque estão doentes, vivendo suas sequelas e deficiências? Ou será que há uma doença crônica de base moral na profissão? Esse panorama então me fez refletir sobre a necessidade de se ampliar, pensar e discutir a sexualidade no campo da Terapia Ocupacional. A partir destas indagações passei a enxergar em meus campos de estágio o indivíduo que vai além de um olhar necessário na atuação físico, mental e social. A Terapia Ocupacional afirma lidar com o sujeito de forma integrada e complexa inter-relacionando os aspectos biopsicossociais.

Mas não é preciso avançar muito na profissão para entender que este suposto discurso unificado é uma imagem idílica e está muito longe da realidade vivida, tanto na formação, quanto na prática.

A área social não deseja práticas de saúde, a saúde mental acusa outras intervenções de reducionistas e assim segue esta peleja.

Mas quando realizava um exercício de pensar a sexualidade humana e tentar me aproximar de intervenções convocando-a em minha atuação como estagiária, ela me produzia, mas do que em qualquer outro discurso na Terapia Ocupacional, uma aproximação mais intensa com este olhar complexo e conectado do sujeito, e via como toda esta peleja da profissão só fragmentava mais ainda o próprio campo. É inegável que a sexualidade está relacionada aos processos físicos do corpo – pau duro, vagina molhada, arrepios, suor, calor ..., por mais diferente que ela possa ocorrer, o corpo, principalmente nu é seu palco privilegiado de realização. Mas também quantos afetos e paixões a sexualidade pode provocar, que dimensões psíquicas ela convoca com grande intensidade. Afinal devemos lembrar que sem a sexualidade Freud não criaria a psicanálise. E é impossível entender a sexualidades dissociadas da cultura e da sociedade. Sexo! Pensamento revolucionário? E ao mesmo tempo, a sexualidade é normatividade e transgressão, é gênero e é transgênero, é cultura e biológico. Penso que a expressão sexual perpassa pelas diversas clínicas da Terapia Ocupacional. Ela é uma condição de possibilidade para realizar esta Terapia Ocupacional complexa, sonhada e idealizada?!!

Assim, este trabalho se propõe a estudar o campo da Terapia Ocupacional, com seus conceitos basilares, e sua relação com os estudos da sexualidade. Em verdade é uma análise crítica de como a Terapia Ocupacional utiliza seu discurso sobre a sexualidade e como ela se apropria desta na formação do profissional.

A Terapia Ocupacional tem como objetivo o estudo das atividades humanas contextualizadas no cotidiano dos indivíduos. A função da Terapia Ocupacional seria poder resgatar essa "paisagem ocupacional" de cada sujeito como produção de vida (LIMA, 1997).

Nesse sentido, a Terapia Ocupacional, deveria entender que a forma de viver plenamente de cada indivíduo se daria no funcionamento relativamente harmonioso entre todas as atividades que constituem a vida do sujeito.

Segundo a inspiração de Kielhofner (apud HAGEDORN, 1999), o homem é entendido como um sistema aberto. A partir dessa reflexão, o homem torna-se um ser plástico, suscetível a transformações e adaptações, por meio desta relação com o mundo que o cerca. Com base no Modelo de Ocupação Humana (MOH) esse sistema é compreendido por áreas distintas denominadas: atividade de vida diária, atividade de trabalho, lazer e a expressão sexual. Essas ocupações se tornam intrínsecas, quando contextualizadas diante dos três subsistemas: a volição, habituação e desempenho. Os subsistemas da vontade, da habituação e do desempenho interagem dialeticamente entre si modulando suas ações o que resulta no comportamento ocupacional. (PEDRETTI, 2005, p.10). Diante desse panorama é importante salientar, que o ponto de partida para traçar intervenção terapêutica ocupacional será o desejo e interesses de cada sujeito.

A American Occupation Therapy Association (AOTA 2015), inspirada na teoria de Kielhofner, amplia as áreas do desempenho ocupacional, e reafirma a expressão sexual como uma área constituinte do cotidiano de cada indivíduo.

Entretanto, a partir de uma análise da literatura clássica e atual, e da minha própria experiência empírica no campo de estágio, verifiquei a fragilidade conceitual e técnica que o terapeuta ocupacional experimenta ao lidar com o que envolve a sexualidade humana e os problemas que acometem o homem e sua capacidade de manter suas relações sexuais.

É importante também salientar que no mundo ocidental, o corpo e todas as suas manifestações foram sempre vista de forma negativa (ALMEIDA, 2011). Este investimento negativo sobre o corpo produz certa prática de invisibilidade, moralização ou rejeição das diversas formas de expressão sexual. A prática da sexualidade aparece de forma íntima, velada ou muitas vezes agregada à prática de violência e moralizante.

A Terapia Ocupacional pertencente a essa cultura ocidental e não está isenta dessa mesma produção subjetiva. Mesmo a expressão sexual, aparecendo como área do desempenho ocupacional, constitutiva da vida do sujeito, nossa formação profissional, pelo menos em nível de Brasil, apresenta-se frágil e contraditória, repleta de julgamentos empíricos e morais.

Acredito que a prática, a ética e a base conceitual, favorece a Terapia Ocupacional numa integração de todas as atividades do desempenho ocupacional,

sem que haja uma hierarquização ou valorização de uma atividade em detrimento de outra. É claro que nos sujeitos concretos, criam-se significados singulares a partir das redes de atividades cotidianas. Logo a partir destes cotidianos particulares, as hierarquias surgem, pois cada sujeito valoriza suas atividades em um determinado grau em sua existência. Contudo, não poderia o terapeuta ocupacional criar qualquer base de valoração ou hierarquização das atividades, porque esse constituiria um cotidiano imaginário e não real, é somente na vida experimentada e significada de cada sujeito que os sentidos e a intensidade de cada um pode ser constituídos. Neste sentido o Modelo de Avaliação Canadense parece apontar nessa direção de entender o significado particular de cada atividade cotidiana.

Problematizo então, que a ausência de uma plena realização da vida sexual de cada sujeito seja desvalorizada e que essa fragilidade se apresenta no campo conceitual e clínico da Terapia Ocupacional como um problema ético, clínico e conceitual.

Acredito que o primeiro passo para mudança desse panorama atual da Terapia Ocupacional brasileira, seria verificar se realmente há essa fragilidade na formação do terapeuta ocupacional em torno da sexualidade. A partir então, desse mapeamento será possível pensar caminhos de transformação dessa realidade. E também se faz necessário ratificar a importância que a vida sexual tem para a composição da produção de vida no cotidiano. Acreditamos, que quando realmente valorizarmos e entendermos o papel da sexualidade para vida humana, o terapeuta ocupacional se tornará mais eficaz em seu exercício profissional.

Primeiramente, é preciso entender que ao se deparar com o conceito de sexualidade humana e buscar referenciais teóricos para refletir esse tema, nos deparamos com um campo de conhecimento complexo, vasto e atravessado por diversos saberes. Sem uma visão inter e transdisciplinar a sexualidade humana pode ficar atrelada a uma análise mais sócio histórica ou reduzida ao mero biologismo da reprodução humana. Temos que estudar a sexualidade humana através das ciências humanas, sem destitui-la de um corpo concreto. É vital entender que no campo da reabilitação física diversas doenças produzem alterações fisiológicas na estrutura do corpo que podem alterar a forma da realização da sexualidade humana. Aqui não estamos nos referindo apenas nas modificações dos órgãos genitais, mas de qualquer parte do corpo, que altera o modo de se relacionar

sexualmente. Uma boca hipotônica, por exemplo, pode dificultar o ato de beijar. Seria reducionista pensar na sexualidade exclusivamente pelos fatores históricos, culturais e sexuais, excluindo da sexualidade um corpo que é também biológico, fisiológico, neurológico e anatômico.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), considera a sexualidade como um aspecto fundamental na qualidade de vida de qualquer ser humano. Essa dimensão é essencial em tudo o que somos, sentimos e fazemos. A OMS considera ainda a saúde sexual como uma condição necessária para o bem-estar físico, psíquico e sociocultural. Segundo a Associação Mundial de Sexualidade, que juntamente com a OMS, aprovou a Declaração dos Direitos Sexuais em uma de suas prerrogativas, o ser humano tem o direito à igualdade sexual, contrário a todas as formas de discriminação, independentemente do sexo, gênero, orientação sexual, idade, raça, classe social, religião, deficiências mentais ou físicas. Associação Mundial da Sexualidade (OMS, 2006).

Segundo Corbin et al. (2011), a sexualidade humana no mundo ocidental sempre foi algo de extrema complexidade e dificuldade de estudo, por se tratar de um tema atravessado por questões religiosas, éticas, morais e científicas que dificultam uma verdadeira investigação interdisciplinar sobre esse objeto.

No mundo ocidental, o corpo e suas diversas manifestações como a sexualidade sempre foram encaradas como um problema metafísico. (ALMEIDA 2016, HANNA 1999). Tanto na religião, como na filosofia e na ciência, o corpo foi visto como um lugar do erro, do aprisionamento, do rebaixamento. Em contrapartida o mundo imaterial, espiritual, metafísico, foi visto como um lugar privilegiado da verdade. O sexo sempre foi considerado algo que não era pertencente às funções mais elevadas e verdadeiras do ser humano. É como se o corpo humano fosse dividido em duas partes: uma superior, que era divina, racional, espiritualizada, região da cabeça e uma inferior, que era mundana recaída e pecaminosa, onde se localiza o órgão genital. Esse imaginário fortemente constituído na tradição ocidental atravessa até hoje diversos campos, inclusive o campo das ciências da saúde. Foucault (1980), aponta que forças morais constituem o campo da medicina, orientando certa forma de fazer e pensar suas práticas.

Sohn (2011), aponta que hoje, apesar dessa tradição de rebaixamento existencial, os corpos fazem parte do quadro cotidiano muito em função de um recuo

do pudor existente nos séculos anteriores, mas essa revelação do corpo não se apresenta como entendimento real do corpo e da sexualidade. Agora esse corpo sem pudor se torna um objeto da moda e do consumo. Para autora isso nos leva a uma exploração intensiva e maciça de produtos pornográficos e temas sobre o sexo. Contudo, nos afastam de uma cultura erótica e da discussão valorosa sobre a sexualidade. Essa sexualidade exposta nas diversas mídias de consumo cria uma libido inexaurível, que embora vendidas de forma fácil e imediata, só podem ser consumidos pelos corpos jovens e perfeitos. Isso nos coloca com certos enfrentamentos na clínica quando lidamos com a sexualidade das pessoas com deficiência física e com transtorno mental, e que fogem da estética de um corpo viril. Caso o terapeuta ocupacional não tenha uma formação potente para discutir e problematizar essa subjetividade contemporânea, sua atuação fica comprometida, e ele fica iludido com certo cientificismo mal estruturado e atravessado por obscuras concepções morais.

Atualmente o campo social da Terapia Ocupacional é que mais tem discutido a sexualidade humana. Entretanto ela é discutida tomando como referência apenas os autores das ciências humanas. Para nós, como já afirmamos isso se apresenta como um problema para o campo da Terapia Ocupacional que deseja estudar o homem de forma complexa.

Wilson (1997) afirma que ao pensar as diversas formas existentes de vida temos que pensar que o homem, biologicamente, compõe um grande grupo de seres que desenvolveram nas suas formas de relações com outros indivíduos a sexualidade. A anatomia dos seres sexuados permite um caminho próprio de reprodução, mas a sexualidade irá para além disso, é uma forma de expressão e de experiência do corpo que permite prazer e possibilita diversos modos de relações, desde mais efêmeras, as mais duradouras em diferentes formas de composição. O sexo teve um papel fundamental nas formações das relações da sociedade. Nesta direção não podemos negar a sexualidade do homem a partir do próprio bio, pois indicaria apagar uma biologia corporal inegável, da mesma forma que não podemos negar que o homem é um ser que respira pelo ar. A negação de uma biologia tem efeito sobre a existência cotidiana, se manifesta como um esquiteamento da corporeidade humana, logo do próprio cotidiano.

Diversos autores como Marcuse (1999) afirmam que a sexualidade humana passou a ser palco de discussão a partir do século XIX, trazidas pela teoria de Breuer, Freud, Otto Gross e Reich. Muitos desses autores que Marcuse discute, apresentam certo grau de análise normatizante da sexualidade, e essas teorias teriam função de criar certa terapêutica para cuidar dos transtornos psíquicos e explicação sobre uma sexualidade considerada desviante. É claro que esses autores abrem um campo de discussão de extrema importância. Contudo, estreitam a discussão da sexualidade a um campo da psicopatologia. A Terapia Ocupacional na discussão da sexualidade deve ter um panorama ampliado para que possa efetivar uma atuação e uma reflexão teórica sobre a sexualidade humana de forma eficaz.

Baseado nesses autores que iniciam o campo da sexualidade, a Terapia Ocupacional, principalmente a partir de Kielhofner (apud HAGEDORN, 1999), abre efetivamente a discussão sobre a sexualidade humana e nomeia essa atividade de expressão sexual. A partir da teoria de Kielhofner, diversos textos clássicos da profissão, em suas novas edições, apresentam a expressão sexual como tema constitutivo do desempenho ocupacional. Entre eles estão Willard e Spackman (2011), Trombly (2013), Pedretti (2004). A apresentação da expressão sexual como parte da vida cotidiana, trazidas por esses autores, cria uma tensão no campo porque em contrapartida, não há uma tradição na literatura da Terapia Ocupacional a discussão sobre a sexualidade humana, bem como na própria formação do profissional.

Atualmente na Terapia Ocupacional brasileira, a sexualidade humana ainda carece de investigação e alguns estudos como Monzeli e Lopes (2012) apontam o unidirecionamento e carência de produção científica sobre sexualidade humana no campo.

A pesquisa seguirá refletindo sobre a sexualidade humana no cotidiano dos indivíduos e estudando o campo da Terapia Ocupacional e sua formação em relação à sexualidade humana. Para isso será necessário vasculhar tantos os textos clássicos, como os artigos científicos sobre a relação da sexualidade humana e Terapia Ocupacional.

A vasculha dos textos científicos também nos permitirá traçar certo panorama da incidência deste tema no campo da Terapia Ocupacional. Associaremos a estes dados uma investigação nos fluxogramas pertencentes aos cursos públicos de

Terapia Ocupacional no Brasil, identificando a presença ou a ausência de disciplinas voltadas à sexualidade humana e Terapia Ocupacional.

A questão da pesquisa é: Qual a relação da formação em nível de graduação, e da pesquisa e produção textual do terapeuta ocupacional com o tema sexualidade.

A importância dessa pesquisa se justifica por se tratar de um tema pouco investigado e ainda atravessado por questões morais de pouco valor científico, e pela própria conceituação básica da Terapia Ocupacional, como por exemplo a AOTA que avalia a sexualidade humana (expressão sexual), como atividade importante e constitutiva da vida do sujeito.

O objetivo geral do trabalho foi analisar a formação do terapeuta ocupacional acerca da sexualidade. Bem como identificar nas bases de dados a existência dos temas referentes a sexualidade e Terapia Ocupacional, analisar as disciplinas que abordam tema sexualidade nas grades curriculares das universidades públicas do Brasil.

Metodologicamente este estudo enquadra-se no campo qualitativo de pesquisa. Para seu desenvolvimento será realizada uma revisão bibliográfica nos Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, nas revistas de Terapia Ocupacional da USP, na biblioteca virtual SCIELO e no Lilacs, assim como nas bibliografias clássicas, para traçar um perfil de incidência sobre o tema sexualidade voltado ao campo da Terapia Ocupacional.

Para a pesquisa de dados, foram usados os seguintes descritores de Ciências de Saúde (DECS): "sexo", "sexualidade", "expressão sexual" e "Terapia Ocupacional".

Também, estudamos a literatura clássica da Terapia Ocupacional e os textos científicos atuais, tentando entender as concepções básicas da sexualidade no campo da Terapia Ocupacional, a fim de perceber a presença ou escassez desse tema na produção da profissão.

Por se tratar de um tema transversal, porém escasso no campo da Terapia Ocupacional, buscaremos autores de outras áreas de atuação para um maior aprofundamento do assunto, sobre a sexualidade humana.

Por último, nossa investigação será feita nas Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs da Terapia Ocupacional. Vimos que apesar de estar explícito que na formação do terapeuta ocupacional, ele deve conhecer e experimentar analisar,

utilizar e avaliar as estrutura e a dinâmica das atividades humanas a expressão sexual não é citada. Também nos conteúdos formadores da profissão no eixo de ciências biológicas e da saúde, há uma indicação para o conhecimento dos diversos sistemas e aparelho, mas há ausência dos aparelhos genitais. Nas DCNs não há nada que garanta uma formação em sexualidade para o terapeuta ocupacional. Importante ainda salientar que avaliamos a presença do estudo da sexualidade humana na formação do profissional. Assim investigamos tanto as diretrizes curriculares nacionais que tratam da estrutura dos cursos superiores de Terapia Ocupacional no Brasil (Parecer CNE/CES nº 1.210, de 12 de setembro de 2001 e a Resolução CNE/CES nº 6, de 19 de fevereiro de 2002), bem como a ferramenta do MEC denominada e-MEC (www.emec.mec.gov.br).

O estudo também contará com análise documental das Ementas dos cursos, o Projeto Político Pedagógico (PPP) e as Diretrizes curriculares dos cursos de Terapia Ocupacional, direcionadas às instituições públicas do Brasil.

Assim, para desenvolver nosso trabalho primeiramente adentrarmos no que concerne a sexualidade humano no mundo ocidental e sua relação com a Terapia Ocupacional. Entender o que é sexo e sexualidade de uma forma ampla. Para em seguida estudar as bases conceituais da Terapia Ocupacional em autores clássicos e na produção científica atual. Finalizaremos o trabalho com a análise dos cursos brasileiros que formam terapeutas ocupacionais.

1. SEXUALIDADE, MUNDO OCIDENTAL E TERAPIA OCUPACIONAL

Foi dito por alguém que não há ordem ou momento exatos entre o abraço, o beijo e as pressões ou arranhões com as unhas ou dedos, mas que todas essas coisas devem ser feitas, de um modo geral, antes que a união sexual se concretize, ao passo que as pancadas e a emissão dos vários sons devem ocorrer durante a união. Vatsyayana, entretanto, pensa que qualquer coisa pode ocorrer em qualquer momento, pois o amor não se incomoda com o tempo ou ordem. (Kama Sutra, 2006, p. 35).

Ao nos debruçarmos sobre esse trecho de um famoso livro hindu, nos colocamos a questão sobre o que é a sexualidade humana no mundo ocidental, como esse pensamento nos constituiu e como isso envolve a área de saúde.

O Kama Sutra pertence à literatura da cultura hindu e foi escrito por Vatsyayana entre os anos 100 e 400 d.C. Este livro, escrito em sânscrito, faz parte da concepção de mundo da religião hindu e seus ensinamentos e visam a elevação espiritual e ao mesmo tempo a busca do prazer.

Outra literatura hindu escrita anteriormente, também nos intriga. Estamos falando dos textos tântricos. No tantra, ao contrário da maioria das filosofias espiritualistas, o corpo é visto não como um obstáculo, mas como um meio para o conhecimento. Para o tantra, todo o complexo humano é vivo e possui consciência independente da consciência central. Por isso mesmo, é merecedor de atenção, respeito e reconhecimento. Para tanto, usa mantras, yantras que são figuras geométricas, e rituais de meditação. Contudo, a principal fonte de energia da espiritualidade advém a sensorialidade corporal, principalmente da energia sexual. Nos templos religiosos tântricos encontramos diversos casais em cenas de posições amorosas.



Figura 1. Imagem de Kama Sutra. Fonte: Google.

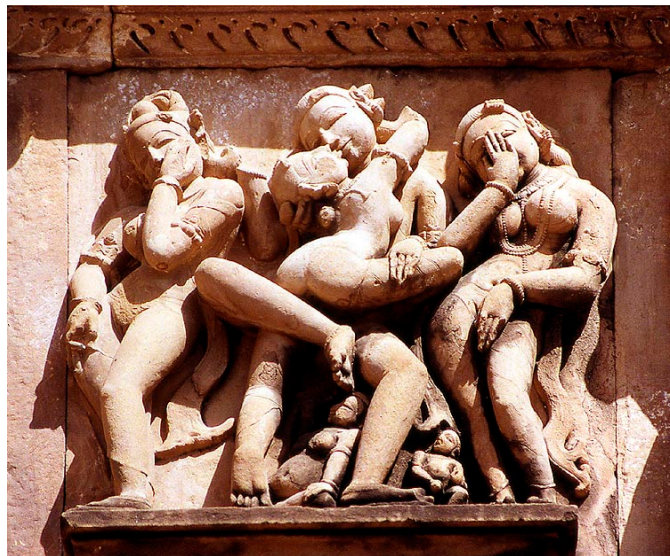


Figura 2. Imagens de um templo Tântrico. Fonte: Google.

As imagens e reflexões colocadas acima nos fazem de imediato pensar como a sexualidade pode ser vivenciada em outras culturas diferente da nossa no mundo ocidental. No hinduísmo, um profundo estudo e experimentação da sexualidade foram desenvolvidos durante décadas em uma tentativa de descobrir as potências intensivas para a vida que o sexo poderia produzir. O sexo e religião estavam juntos

sem que uma moralidade castrasse o corpo de seu prazer e o afastasse da espiritualidade.

No mundo ocidental, em algum momento ou talvez desde sua origem estabeleceu-se um relação com sexualidade extremamente complicada e um afastamento intenso entre religião e sexualidade foi constituída. Comumente, no mundo ocidental, em diferentes épocas e espaços, vários elementos da atividade humana foram potencializados e destacados com importante para existência humana. A religião talvez tenha sido o elemento mais significativo. A capacidade de leitura de textos racionais também foi significativa. A partir do século XIX, a arte e a educação estética se tornaram também um símbolo importante na construção humana, à necessidade de se aprender uma nova língua, sobretudo se destacam por suas relevâncias internacionais. Mas em nenhum ou em raros momentos os sexo é revelado em sua potência, revelando como estamos distantes da cultura hindu.

Parece que a sexualidade humana é uma caixa sombria oculta na esfera da existência humana, que apenas deve ser falada, estudada e experimentada em pequenos círculos fechados quase herméticos, mas jamais vista como uma condição necessária ao cotidiano humano.

Quando nos voltamos para área de saúde, questionamos como essa visão da sexualidade pode ou não interferir nas pragmáticas, na atuação, na formação dos profissionais. Durante muito tempo, a saúde construiu uma ideia de que era um campo ascético, neutro e puro. Logo, os pensamentos que envolvia a saúde eram totalmente científicos e higienizados de uma moralidade religiosa. Contudo, Foucault (1980) aponta que a ciência e a saúde não são campos fechados em si mesmo, mas são campos heteróclitos logo os pensamentos morais, políticos, econômicos religiosos invadem a saúde. Um exemplo é tosco e aberrante ocorre quando se pretende criar uma cura gay¹, é impossível não perceber que essa tentativa está completamente vinculada a um pensamento religioso e não uma psicologia "pura". É claro que esse exemplo é exuberante, mas ele deflagra como, em variadas proporções, todos nós somos envolvidos por uma moral da sexualidade ocidental

¹ Durante a Gestão do Governador do Estado Antony Garotinho (de 1998 a 2002), de base religiosa evangélica, foi sugerido uma estratégia de saúde para se inserir no rede estadual atendimento as pessoas homoafetivas numa tentativa de curá-las dessa doenças. A proposta não foi adiante devido a inúmeras críticas dos profissionais e conselhos de saúde.

que constitui nosso modo de ser profissional da saúde. Afirmar uma neutralidade na área médica é o pior caminho para se criar um processo crítico e auto reflexivo e criar possível estratégia de transformação.

Em nossa análise preliminar, a sexualidade humana enfrenta três problemas quando relacionamos a área de saúde e a própria Terapia Ocupacional. Muitas vezes quando comentamos, arguimos e refletimos sobre a sexualidade, isso de modo geral não passa de retórica e as reflexões realizadas não são transmutadas as práticas clínicas. Vislumbramos uma série de métodos e técnicas para reabilitar diversas problemáticas surgidas no campo da reabilitação, porém até hoje parece não haver um grande investimento em métodos e práticas para potencializar, intensificar a sexualidade humana. Diferentemente, voltando novamente à cultura hindu, quando olhamos a terapia tântrica, o terapeuta faz do ato sexual um método de tratamento criando manipulações e toques que envolvem e estimulam os órgãos genitais. Para muitos profissionais formados pela moral na área de saúde ocidental isso poderia parecer prática de erotização e prostituição.

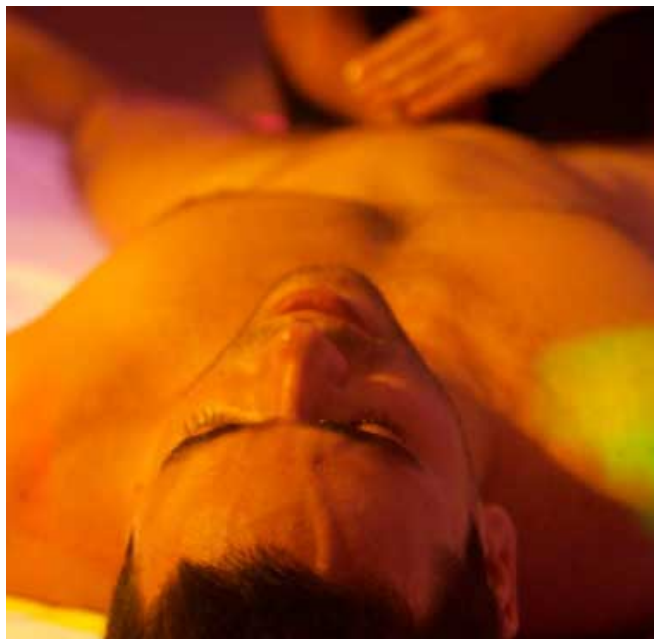


Imagem de sessão de terapia tântrica. Fonte: Google.

O segundo problema que encontramos basicamente é que em toda a formação brasileira, a sexualidade humana não faz parte de conteúdo, disciplinas ou prática para esse profissional. Nós sabemos avaliar as taxas metabólicas do corpo,

avaliar as hipertrofias e deformidades do membro superiores, os sinais vitais, criamos adaptações que facilitam o deambular e manipulações, mas praticamente nenhum conhecimento ou estratégia sobre a sexualidade compõe esses profissionais.

O terceiro problema acontece quando raramente a sexualidade é trazida à cena no mundo ocidental. Está é pensada em uma possibilidade completamente tradicional e normativa, simbolizada através de um encontro de um casal do gênero masculino e feminino. Porém a sexualidade se apresenta em diversas formas de existencialização como em práticas masturbatórias, práticas homoafetivas, práticas a três, práticas em grupo em lugares díspares e diferentes, e que envolva partes diferentes do corpo como boca e ânus. Refletindo esses aspectos sobre a Terapia Ocupacional, ao avaliarmos um paciente com deficiência e suas ações cotidianos, indagaremos esse sujeito como ele come, quais os utensílios que ele utiliza, qual o seu hobby em momentos de lazer, tentaremos avaliar todas as perícias necessárias para seu trabalho. Desejamos saber nos mínimos detalhes de todas as funções que ele realiza para seu ofício. Quando e se indagado algo sobre a sexualidade geralmente a pergunta se faz de forma genérica baseada no modelo (papai- mamãe de sexualidade). Não indagamos se ele precisa das mãos, do ânus, da boca, de sentar, de ficar de pé, não perguntamos sobre suas práticas preferenciais, não avaliamos com precisão quais são os componentes de desempenho para uma realização prazerosa e satisfatória de sua sexualidade. Muitos terapeutas irão afirmar que esses detalhes são privados e íntimos e por isso não devem ser abordados de forma tão detalhada. Contudo não é íntimo e privado também lidar e favorecer o uso da privada, o controle de esfíncter? É nítido que uma esfera moral invade a formação na área de saúde ocidental, e o terapeuta ocupacional está incluso nessa dimensão.

Nossa pesquisa busca apontar essas indagações e tenta entender como tais formas de pensamento e atuação se constituíram no mundo ocidental. Assim é de extrema importância entender como a história da sexualidade foi sendo constituída na trajetória do mundo ocidental e como essa foi moralizada e trazida para a formação do profissional da saúde e do terapeuta ocupacional. Cabe agora apresentar um pouco dessa história da sexualidade no mundo ocidental.

Para construir a história da sexualidade humana no mundo ocidental nos apoiamos em Nunes (1977), este autor afirma que a sexualidade “é uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana” (p. 27). O autor também baseado numa visão histórica, política e dialética apresenta cinco etapas para a compreensão da sexualidade humana ocidental. E afirma que os valores existentes sobre o sexo têm, relações diretas com os fatores econômicos e sociais.

A primeira etapa o autor denomina de compreensão mítica e relaciona com as sociedades agrárias, sobretudo do paleolítico e neolítico que cultuavam a mulher como signo da deusa mãe, da mãe terra, ligada diretamente ao significado da fertilidade da terra. Nestas sociedades era muito comum a veneração do órgão genital feminino e frequentemente representado por um triângulo.

No paleolítico era frequente a representação do corpo feminino em argila, exibindo o seu órgão genital como uma forma de alusão a necessidade de se gerar membros novos para um clã. Uma vez que neste momento, que a morte era frequente entre os grupos humanos. Gerar uma nova criança significa uma possibilidade de permanência do grupo. O filme “A guerra do fogo” (1981), de Jean-Jacques Annaud, apresenta a visão da descoberta de novas posições de prazer sexuais se deu por conta da mulher, uma vez que ela era criadora e produtora de vida.



Imagem do filme Guerra do Fogo. Fonte: Google.

Eliade (1970). Afirma que essa relação íntima entre a mulher e a fertilidade fez com que a mulher se relacionasse com outros símbolos como a terra e a lua, fazendo com que ela nestas sociedades ganhasse prestígio, porque se acreditava que ela poderia influenciar na fertilidade. Nunes (1977) traz um exemplo no qual se acredita que se as mulheres grávidas semear a terra, a colheita seria muito mais

produtiva. Na Prússia oriental, era costume a mulher nua ir ao campo para fazer a sementeira. E o exemplo mais interessante aparece nos Fineses no qual as sementes eram levadas para o campo numa camisa menstrual, no sapato de uma prostituta ou na meia de um filho bastardo, aqui há uma forte presença erótica do fator fertilidade. Essas relações entre erotismo e sexualidade poderiam chegar à estimulação de práticas de orgias como importantes para fecundidade vegetal.



Imagem de escultura neolítica, culto à fertilidade ao feminino. Fonte: Google.

É somente a partir da produção de excedente na agricultura, criando sociedades dominando outras, que culminaram com surgimento das grandes civilizações, que haverá uma mudança do papel do gênero e da sexualidade. Nossa sociedade tem como tradição duas grandes importantes civilizações como a grega e a hebraica. Iniciando-se aqui, segundo Nunes, a segunda etapa da sexualidade humano, na cultura ocidental.

A sociedade hebraica é responsável pelo surgimento do cristianismo uma vez que cristo e um reformulador do judaísmo. No Antigo Testamento na gênese Deus cria a mulher a partir da costela de Adão, indicando sua dependência ao elemento masculino. Nesta mitologia há uma inversão, se no paleolítico e no neolítico a mulher é que gerava e por isso tinha um grau de importância, no mito da bíblia é o homem que gera a mulher. Destituída de uma das maiores de suas potências, a mulher pode ser subjugada e escravizada. Para Nunes (1987), o homem passa a ser o símbolo de todas as coisas e o gênero masculino, símbolo de todos os fatores importantes. As representações de Deus sempre são de um homem, o próprio filho de Deus, Cristo, é um homem. Deus não precisou ter contato

sexual para gerar o seu filho, a castidade da mulher, tornar o corpo da mulher apenas como uma espécie de receptáculo do poder masculino. Cristianismo e o judaísmo deram a mulher um papel de santa virgem (que desenvolve a castidade como forma de espiritualidade), ou de puta arrependida que através da fé que se afasta da busca livre de sua própria sexualidade e segue de forma casta e aprisionada o homem. A tradição judaico-cristã cria sociedade fortemente patriarcalista no qual a mulher se torna uma espécie escrava, inferior e assexualizada, que deve exercer seu sexo apenas para procriação. Identificamos aqui o início de uma tradição moralizante das práticas de saúde presente também na própria Terapia Ocupacional.

No judaísmo, a poligamia era permitida, isto no mínimo dava ao homem a oportunidade de exercer sua sexualidade mais diversificada, enquanto a mulher era privada de ter outros parceiros. Nunes (1978) aponta também o sentido de propriedade que a mulher ganha, pois o último mandamento apresentado por Moisés afirma que “não cobiçarás a casa de teu próximo, nem desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu juramento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo”. E nesta mesma sociedade o dote fornecido pelos pais das noivas coloca a mulher em uma trama econômica como uma mercadoria a ser vendida. Quanto mais bela, virgem e matrimonial ela fosse, mas ela era cobiçada para o casamento. Essa nítida visão econômica da mulher pode ser entendida como uma tradição da prostituição feminina na tradição ocidental. Em sua forma pura ou vulgar, a mulher se torna uma mercadoria a ser explorada pelo homem.

A cultura grega também influencia de forma definitiva a nossa cultura, da mesma forma que na cultura hebraica, o patriarcalismo foi extremamente importante. Foucault (1984, p. 72) aponta que o matriarcalismo grego coloca a mulher submissa e propriedade do marido com certa semelhança da sociedade hebraica.

O homem casado, só lhe é proibido contrair outro casamento, nenhuma relação sexual lhe é proibida em consequência do vínculo matrimonial que contraiu, ele pode ter um ligação, pode frequentar prostitutas, pode ser amante de um rapaz – sem contar os escravos, homem e mulheres que tem em sua casa a sua disposição.

Na Grécia a homossexualidade é entendida sobre outra ótica, sem a mesma moralidade que há no cristianismo. A passividade é entendida como uma qualidade

feminina e o macho deve lutar para se afastar dessa qualidade. Ela marca uma distinção entre os prazeres, pois a feminilidade se relaciona a preguiça a indolência, o gosto por perfumes e adornos e uma recusa aos esportes. Se o homem mantivesse sua qualidade ativa, viril, ele poderia, sem grandes problemas, buscar seus prazeres com o mesmo sexo. Nos países latinos é muito frequente a ideia de que o homem que realiza relações sexuais de forma ativa com outro homem não é considerado necessariamente homossexual.

Essas duas sociedades constituíram no mundo ocidental uma lógica do machismo que tem o papel de permitir o exercício de uma violência física e simbólica do homem sobre a mulher e cria uma profunda distinção comportamental e ocupacional entre os gêneros para além de sua anatomia. O menino ele é estimulado a exercer e gostar do sexo produzindo um narcisismo fálico. Por sua vez, a menina é obrigada a não manifestar seu desejo pelo sexo e escondê-lo. Nestas perspectivas entendemos que as diferenças sexuais são muito mais constituídas historicamente e cotidianamente do que são marcas de uma anatomia. Nesta direção, Laban (1979) aponta uma interessante reflexão, ele afirma que a diferenças dos gêneros é constituída pela diferença e gestos explorados na formação dos corpos das crianças. Ele afirma que as qualidades gestuais podem ser chamadas de esforços. Os meninos através de práticas esportivas e determinadas brincadeira, experimentam os esforços, forte, rápido, livre. No futebol é preciso exercer uma força dos chutes e preciso correr livremente. As meninas experimentam diferentemente os movimentos leves, lentos e controlados, típicos, por exemplo, do balé ou das brincadeiras de boneca. Para Laban os esforços constituem os gestos, os gestos constituem os corpos, os corpos constituem os gêneros, cada gênero tem um lugar na sociedade e essa relação de gênero constitui a própria sociedade.

O terceiro momento da sexualidade no mundo ocidental se dá na era cristã. O cristianismo tem uma ideia revolucionária, pois pretendia libertar os oprimidos através de um Deus-homem heroico, através ideologia universalista e moralista, conservador e acentuando o patriarcalismo grego e judaico. A submissão e a desvalorização da mulher permanecem, bem como um forte sistema de regulamentação da conduta sexual. Ele cria uma representação simbólica extremamente negativa da sexualidade. Por exemplo, a menstruação é tida como impura e podendo levar a morte o casal que tivessem relações sexuais durante fluxo

menstrual (NUNES, 1987). Também são impuros o parto, o ato conjugal e poluição noturna. Nunes afirma que a doutrina cristã sobre a sexualidade é herdeira direta de Paulo que condena a homossexualidade, o adultério e a fornicação e ser contra o rompimento do matrimônio. Foi Paulo também que criou a pureza do cristão que se diferencia da sexualidade dos pagãos. Posteriormente a igreja começa a exaltar o celibato e repulsa a realização sexual, aparecendo a virgindade como identidade cristã. Para Santo Agostinho “a sexualidade é uma qualidade má, fruto do pecado do homem, o casamento tem um fim único de procriação e todo ato sexual é pecaminoso fora deste propósito”. (NUNES, 1987, p. 59). Ele também condena práticas de anticoncepção e as relações anais e de felação.

Já no séc. IV São Jerônimo apresenta uma forte sexofobia afirmando que a mulher é um instrumento do demônio para corromper os homens puros, e o casamento uma falha humana.

Numa tentativa de acentuar seu rigor e controle sobre a sexualidade a igreja implementa a confissão a partir do séc. XII, procurando novas formas de vigiar as práticas sexuais.

O último momento da sexualidade ocidental, apresentada por Nunes se inicia com a era moderna. Com a Reforma de Lutero a igreja cria a Contra-Reforma. Assim surgem na modernidade duas vertentes da moral sexual, uma luterana e uma tridentino ligadas a Contra-Reforma e a igreja católica.

Lutero fundamenta-se em Santo Agostinho para afirmar que deve haver uma repressão da energia sexual para que esta seja usada na energia do trabalho, o princípio do prazer é regulado em nome do princípio da realidade. Weber afirma que esta ética protestante foi importante para a constituição do capitalismo. Outro fato importante trazido por Lutero foi com relação a nudez, pois no período medieval era visto com naturalidade, mas a partir do protestantismo o corpo tem que se coberto, pois o sexo é inimigo do trabalho.

Por sua vez a igreja católica começa a ver o sexo como um pesadelo para os adultos e educadores e passa afirmar que o inferno era povoado principalmente por aqueles que pecaram contra a castidade, mesmo em pensamento. Sendo grande dispositivo de controle a confissão. Nunes (1987) afirma que os pedagogos, os médicos, os padres e os pastores em conjunto criaram uma cruzada contra o sexo balizado por uma moral cristã tanto protestante quanto católica. A partir da

medicalização do pecado a masturbação é vista como doença e anomalia porque provoca males mentais e calamidades. São criadas calças fechadas na frente, anéis antimasturbatórios, amarração das mãos e cauterização dos clitóris. No mundo moderno, muito mais intensamente que no mundo medieval, o sexo é reduzido ao privado com fins procriativos, subsumindo-se o prazer humano. Aqui o corpo é negado no trabalho na repressão sexual, deixando de existir um eu corporal.

Segundo Nunes o poder de Lutero e da doutrina Tridentina se fazem sentir de forma intensa até a contemporaneidade, pois “sentimo-nos culpados frente ao sexo e parece-nos necessário confessar, quer ao padre, ao pastor, à nossa própria racionalidade, ao psicanalista ou ao médico nossas faltas sexuais (1987, p. 69)”. Baseado em Foucault (1984) a função do cristianismo se deu sobre a produção do desejo através de um poder sobre o bios, o corpo.

A partir da Primeira Guerra Mundial, segundo Nunes (1987) começa a surgir uma ciência da sexualidade. E a partir da dec. de 60 movimentos de contestação dos negros, mulheres e homossexuais que favorecem a libertação sexual. Contudo o capitalismo entendeu a sexualidade como um grande grito e a incorporou a sua máquina de consumo. A mulher outrora estigmatizada se torna a garota propaganda do consumismo e seu corpo consumido. O sexo como objeto do consumo vira pornografia tornando-se o objeto extremamente quantificado, mas não qualificado em seu significado, como desejava uma cultura erótica típicas das práticas tântricas. Cria-se, para Marcuse (1999), o trepador “compulsivo”. A liberdade da sexualidade falece.

Esta forma de realização da sexualidade na contemporaneidade só será relativamente modificada com o surgimento da AIDS nos anos 80, que gerou grandes campanhas educativas com tentativas de mudança de hábitos sexuais produziram mais uma vez uma relação de medo, cuidado e higiene com o sexo e acentuou forma de discriminação a determinados comportamentos sexuais. A igreja volta a apontar o sexo como um lugar pecaminoso e a AIDS como um castigo.

Nesta trajetória conturbada da sexualidade no mundo ocidental percebemos que a área da saúde conserva em muito os ideais da reforma protestante e da cultura tridentina. Na Terapia Ocupacional a hegemonia no gênero feminino e certo ideado da caridade faz com que a cultura sexual não seja uma questão importante. O sexo embora elemento importante constitutivo do cotidiano fica vedado ao

secreto, ao íntimo. Mesmo com a introdução do termo expressão sexual a partir de Kielhofner, a Terapia Ocupacional tem produzido pouco avanços em relação aos aspectos da sexualidade humana.

Para podermos refletir algumas mudanças possíveis neste status quo, tomamos como dispositivo de análise as ideias de Otto Gross que apresentaremos a seguir.

1.1 OTTO GROSS E A REVOLTA DA SEXUALIDADE

A psicanálise foi o primeiro saber no mundo ocidental que apresentou a sexualidade como algo importante e constitutivo da existência do homem. É a primeira teoria que coloca a subjetividade humana conectada a uma anatomia viva, marcada por suas experiências cotidianas. Freud se auto intitula como uma terceira ferida narcísica do homem ocidental, isto é, o homem não é o ser da razão, mas o ser do desejo. Se o homem não é o ser da razão ele não está centrado em seu espírito metafísico, mas o desejo é uma função corporal.

Desde Darwin, passamos por filósofos como Nietzsche, o corpo ressurgiu como elemento que se rebela contra a sua repressão vivida durante anos. Se o corpo se torna um personagem privilegiado, o sexo aparece como protagonista das manifestações corporais.

Porém mesmo Freud e a psicanálise, trazendo o corpo para visibilidade do homem, traíram-se a si mesmo, pois a psicanálise não faz da experiência radical do corpo o caminho de transformação do homem. A fala é a manifestação privilegiada. É claro que a fala ela é corpo, como tantos defensores da psicanálise apresentam, mas talvez reduzir o corpo a fala é como reduzir um nadador olímpico ao nado cachorrinho. O corpo tem como condição existencial e vital expressões múltiplas e complexas de suas potências. A fala é a potência clichê, a potência conhecida. Isso não significa dizer que a sexualidade também não possa ser clichê. A diferença do clichê da fala e do clichê da sexualidade, é que a fala praticamente já esgarçou todas as suas possibilidades no mundo ocidental racionalista e da oração da fé cristã. O homem moderno racional é necessariamente o homem da fala, do discurso,

da escrita. A fala de Deus, o discurso científico e a escrita sagrada. Lugares comuns, hegemônicos e dominadores. O sexo em nossa sociedade é uma criança atordoada ou um homem idiotizado em sua ignorância. O sexo no mundo ocidental em sua forma clichê da família cristã é apenas a ponta de um iceberg de potências ultra intensivas do corpo. A cultura tântrica e a cultura kung-fu há muito apontam a extrema possibilidade de produção de vida que práticas sexuais, muito diferentes do roteiro ocidental, podem produzir.

Otto Gross (MÉNDEZ, 2015) inicia suas pesquisas sobre a sexualidade próximo aos ideais da psicanálise de Freud, porém Otto Gross entende que a formação da estrutura psíquica não está vinculado ao íntimo do núcleo da família burguesa ocidental, mas ligado a uma forma histórica e cultural de um patriarcalismo que transforma uma força social da violência entre os gêneros, em um sofrimento pessoal. Para Gross a psicanálise teria uma missão muito maior do que adaptar o indivíduo, minimizando seu sofrimento íntimo a uma estrutura falocrática burguesa. A transformação de cada indivíduo deve ser vista como uma revolução produtora de uma transformação social. Há em Gross um ideal romântico revolucionário social e ao mesmo tempo uma forma anárquica de pensar.

Os pensamentos de Gross radicalizaram-se a ponto de entender que a psicanálise, seguindo os pensamentos freudianos, ao invés de minimizar o sofrimento do neurótico, o intensificava. A sociedade ocidental, como já afirmamos é falocrática e está balizada numa profunda relação de violência entre o corpo do homem e o corpo da mulher. A psicanálise, ao tomar Édipo, o homem, o príncipe, possuidor de um pênis viril como personagem principal privilegiado, estaria tomando um modelo masculino como um modelo da estruturação psíquica, semelhante ao patriarcalismo grego, judaico e cristão. No complexo de Eléctrica, a mulher, por não possuir o falo, se estruturaria de forma imperfeita em relação ao modelo edípico. Gross vê, nessa forma de estruturar a subjetividade humana, a ratificação da violência do macho sobre a mulher e a perpetuação da neurose. A psicanálise não cura, ela acentua a neurose!

Para fugir dessa armadilha nefasta da psicanalítica, não é na fala que Gross encontra seu dispositivo revolucionário, mas é numa potência corporal falada pela psicanálise, porém não explorada: o sexo, potência esquecida pelo burguês cristão ocidental. Gross acredita que a única forma da mulher enfrentar e sair da repressão

neurótica, vivida na violência da sociedade machista, é usar o corpo desregrado de toda ordem e moral ocidental. Otto Gross acreditava numa vida de orgia como proposta terapêutica e socialmente revolucionária. Na orgia, o corpo está desprovido das normas morais da intimidade de um casal, e vive a experiência coletiva dos corpos desnudados, sem regras de poder, uma anarquia corporal. Temas como êxtase, luxúria e orgia, temas execrados por nossa sociedade ocidental, são transfigurados em potências existenciais. Gross inclusive apontava, em sua abertura sexual-corporal, para que todos experimentassem a homossexualidade-bissexualidade como potência transgressora, conhecendo nossos próprios componentes homossexuais, amaríamos o outro.

Essa discussão sobre Gross e a psicanálise pode ser transferida para uma análise da Terapia Ocupacional. A partir de Kielhofner a sexualidade passa a ser mais discutida de forma efetiva na profissão. Kielhofner ao apresentar as áreas do desempenho ocupacional, coloca a expressão sexual como elemento constitutivo do cotidiano da existência humana. Contudo, da mesma forma que a psicanálise freudiana não apresenta estratégias de experimentação direta sobre o corpo e a sexualidade, a Terapia Ocupacional “fala” da sexualidade, mas não nos ensina como lidar com os corpos, com a subjetividade dos sujeitos que tiveram sua sexualidade comprometida por uma doença, seja ela física ou mental ou com sujeitos que vivem suas experiências sexuais transgressoras, como aqueles que desejam experiências homoafetivas. Também a profissão não se pergunta como vivenciam o autocuidado os transgêneros ou aqueles que desejam explorar de forma plural sua sexualidade em casa de orgias, saunas, casa de swing... Foi pensada numa acessibilidade para esses espaços?

Nossa ideia é que a Terapia Ocupacional ainda é demasiadamente burguesa e cristã ou intensamente freudiana, pois ela não consegue pensar no êxtase das atividades, na luxúria do cotidiano ou na orgia do fazer. Sobre uma mesa, na cozinha, no banheiro, na sala ou no carro, na rua, no shopping, no passeio, as atividades socialmente e moralmente aceitas são exploradas. Mas exploramos a vida em toda sua forma de expressão?

2. EXPRESSÃO SEXUAL E O CAMPO DA TERAPIA OCUPACIONAL

2.1 A LITERATURA DA TERAPIA OCUPACIONAL

A Terapia Ocupacional, no primeiro momento pode ser vista com duas direções. A primeira objetivando criar hábitos saudáveis numa tentativa da melhoria da qualidade de vida e a segunda entendendo as atividades como formas de exercícios motores, cognitivos, sensoriais e ou psíquicos para restabelecer funções e comportamentos perdidos ou alterados (DRUMMOND 2007). Nestas primeiras concepções, uma relação mais complexa com os fatores que envolvem o cotidiano, como a cultura a sociedade não eram tão explorados. Nesta direção também a sexualidade dos pacientes pouco era explorada. A literatura até os anos 80 praticamente não apresentava discussões sobre esse tema. A sexualidade era mais confrontada na prática dos terapeutas ocupacionais por aqueles profissionais que lidavam com pacientes que de alguma forma não apresentavam um senso crítico e moral sobre a sexualidade. As crianças com graves lesões neurológicas poderiam se masturbar de forma aberta trazendo para o terapeuta ocupacional a necessidade de alguma intervenção. Na saúde mental também poderia ser exuberante a manifestação da sexualidade. Mas mesmo com essas exigências das práticas cotidiana a literatura da área ou os próprios profissionais pouco debatiam sobre a sexualidade humana.

É somente a partir das ideias de Kielhofner que o termo expressão sexual vai comparecer de forma efetiva no campo da profissão. Nos anos 1980 Gary Kielhofner e Janice Burke apresentam o seu modelo teórico denominado Modelo da Ocupação Humana - MOH -(apud HAGEDORN, 1999). Para muitos o MOH produziu um giro de conversão no campo da Terapia Ocupacional, embora no Brasil encontramos uma certa resistência a este pensamento, acreditando que se trata de um colonialismo norte americano da profissão. Neste modelo o homem é entendido como um sistema aberto se relacionando diretamente com o seu meio, modificando e sendo modificado por este. Ocorre também uma sistematização que ajuda da Terapia Ocupacional uma clareza conceitual de suas ações. Kielhofner afirma que o homem como um sistema ocupacional apresenta áreas do desempenho ocupacional em sua

vida cotidiana. Essas áreas são representadas pelo trabalho, pelas atividades de autocuidado e pela atividade de lazer e expressão sexual. Todo e qualquer ser humano necessita dessas esferas e elas não são estanques, isoladas entre si, mas se relacionam e se interferem mutuamente. E é importante salientar que essas áreas são preenchidas por atividades próprias de cada indivíduo e realizadas de forma singular. Por exemplo, se pensarmos na atividade de preparar um prato de culinária pode estar conectada a uma atividade de autocuidado se o sujeito que realiza essa atividade for, por exemplo, uma mãe de família, porém poderá ser uma atividade de trabalho se um mestre cozinheiro está no restaurante ou uma atividade de lazer realizada por uma criança no final de semana.

A ideia de Kielhofner não está necessariamente baseada primordialmente no entendimento das potências terapêuticas numa atividade, mas quer entender como determinadas atividades podem compor as áreas de desempenho de um sujeito concreto. Entendemos que há um certo senso ecológico do pensamento do autor, pois é nestas relações das atividades que compõem a área de desempenho ocupacional que a vida dos sujeitos se realizam. Neste sistema ecológico a sexualidade é um elemento vital visto como uma área. Entretanto baseado no mesmo exemplo que demos acima poderíamos questionar se a sexualidade poderia ser entendida como uma atividade, não é difícil perceber que uma atividade sexual, em certas circunstâncias, pode ser vista como uma forma de trabalho ou realização de lazer. Nossa crítica não tem a intenção de despotencializar o MOH, mas apenas quer evidenciar como a sexualidade humana é complexa e as tentativas de categorização desta esfera da existência humana são sempre difíceis de ser realizadas.

Outra característica do modelo de Kielhofner é que algumas destas áreas do desempenho ocupacional podem ser comprometidas por alguma alteração de ordem orgânica, psíquica ou social. A este fator ele denominou de componente do desempenho. Imaginemos então que o indivíduo em uma depressão profunda comece a ter dificuldades em sua realização sexual, obviamente isso poderá comprometer as outras áreas do desempenho. Mas as alterações sexuais também podem ter causas, orgânicas ou sociais. O modelo de Kielhofner nos ajuda a entender que uma atividade pode estar comprometida por fatores diversos ou

multifatoriais. Por isso entender a sexualidade exclusivamente pela esfera psicossocial é uma visão limitada.

Outro fato interessante é ver que o MOH foi sendo ampliado, transformado e desenvolvido por outros atores da Terapia Ocupacional. É impossível negar que o Modelo Canadense e o Modelo da AOTA são genealogicamente provenientes do MOH. Mas percebemos que nesses outros modelos derivados o termo sexualidade migra de área, na AOTA a sexualidade faz parte das atividades de autocuidado. Esta certa em “precisão” pode denotar nossa imaturidade para entender a sexualidade humana e ou manifestar a complexidade deste tema.

Mesmo trazendo a sexualidade como um tema definitivo para Terapia Ocupacional é fácil perceber que ele ainda não se efetivou nem na prática, nem conceitualmente na estrutura da profissão. A sensação, pertencente a esfera do componente do desempenho foi altamente estudada e gerou um método de intervenção na Terapia Ocupacional, desenvolvida por Ayres (apud MAGALHÃES, 2007) e que se denomina integração sensorial. Mas a sexualidade humana não tem o mesmo investimento que a integração sensorial.

Numa pesquisa as bibliografias clássicas da Terapia Ocupacional como Willard e Spackman (CREPEAU et al. , 2011), Trombly (RADOMSKI e LATHAM, 2013) e Pedretti (PEDRETTI e EARLY, 2004), verificamos que o termo expressão sexual é constante porém uma discussão extensa e intensa sobre a sexualidade não está presente. Somente nos livros de Spackman e Trombly um pequeno capítulo em cada é apresentado trazendo uma discussão rápida e genérica sobre a sexualidade, totalmente baseada no modelo heterossexual sendo uma preocupação bastante frequente a reprodução. O livro de Pedretti e praticamente ausente essa discussão. Nestes livros a discussão sobre a sexualidade humana se refere à perda de funções corporais para que a sexualidade e a reprodução sejam realizadas. Uma análise transversalizando áreas diversas para o entendimento intenso da sexualidade e inexistente.

Para ampliar nossa investigação recorreremos a uma pesquisa realizada nas duas revistas brasileiras de Terapia Ocupacional, no Lilacs e no Scielo. Os descritores foram sexo, sexologia, sexualidade, sexual AND Terapia Ocupacional. Incluíram-se artigos científicos publicados na língua inglesa e portuguesa durante o

período entre 2008 e 2016. Foram encontrados nestas bases um total 116 títulos, porém apenas sete artigos foram selecionados, pois os demais apenas apresentavam um dos verbetes, mas sem que o texto fosse uma discussão sobre sexualidade. O resultado dos textos selecionados de forma sintética é apresentado a seguir.

Palavras chaves descritores do Scielo

Terapia Ocupacional + sexo – 4 - descartados

Terapia Ocupacional + sexologia - 0

Terapia Ocupacional + sexualidade 0

Terapia Ocupacional + sexual 2 – descartados

Selecionados- 0

Palavras chaves descritores do Lilacs

Terapia Ocupacional + sexo – 30 - descartados

Terapia Ocupacional + sexologia - 0

Terapia Ocupacional + sexualidade 1 – descartados

Terapia Ocupacional + sexual 3 – descartados

Selecionados – 0

Palavras chaves descritores das Revistas USP

Terapia Ocupacional + sexo – 30 - descartados

Terapia Ocupacional + sexologia - 0

Terapia Ocupacional + sexualidade 1 – descartados

Terapia Ocupacional + sexual 3 – descartados

Selecionados- 2

Palavras chaves descritores da Revista UFSCar

Terapia Ocupacional + sexo – 30 - descartados

Terapia Ocupacional + sexologia - 0

Terapia Ocupacional + sexualidade 1 – descartados

Terapia Ocupacional + sexual 3 – descartados.

Selecionados- 4

Tabela dos Artigos Científicos.

	Título	Autor	Área temática	Ano	Fontes	Link
1	Terapia Ocupacional Social, pessoas trans e Teoria Queer: (re)pensando concepções normativas baseadas no gênero e na sexualidade.	Késia Maria Maximiano de Melo	Social	2016	Rev. UFSCar	http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1239
2	Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais.	<i>Aryel Ken Murasaki, Sandra Maria Galheigo</i>	Social	2016	Rev. UFSCar	http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1264
3	Entre proteção, exposição e admissões condicionadas: travestilidades e espaços de sociabilidade/.	<i>Gustavo Artur Monzeli, Vitor Sérgio Ferreira, Roseli Esquerdo Lopes</i>	Social	2015	Rev. UFSCar	http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/968/630
4	Resumos de Teses e Dissertações: Hermenêutica gestáltica do abuso sexual para uma adolescente	<i>LUCIVALDO DA SILVA ARAÚJO</i>	Saúde da criança	2008	Rev. UFSCar	http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/135
5	“Pensando como um menino é mais fácil”: construções sobre as relações de gênero no discurso de meninas adolescentes	<i>Rosana Juliet Silva Monteiro, Daniela Tavares Gontijo, Vera Lucia Dutra Facundes, Anna Carolina Sena e Vasconcelos</i>	Saúde da criança e adolescente	2015	Rev. USP	http://www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/87928/101717
6	Terapia Ocupacional e sexualidade: uma revisão nos periódicos nacionais e internacionais da área	<i>Gustavo Monzeli, Roseli Esquerdo Lopes</i>	Formação	2012	Rev. USP	http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/55816

Ao observar os textos selecionados, percebemos uma grande diferença entre os textos clássicos, pois nos artigos a área social é que lidera temas sobre a sexualidade, a reabilitação física não aparece. Nos artigos do campo da Terapia Ocupacional Social as discussões são mais potentes, amplia a visão dos aspectos sociais, histórico, culturais e políticos, sobre o cotidiano das pessoas trans e seus enfrentamentos perante uma sociedade excludente. Apresenta em seus textos um aporte teórico da Teoria Queer, uma vertente pós-estruturalista que surgiu nos Estados Unidos no final da década de 80, contrapondo aos estudos sociológicos das minorias sexuais e gênero, debatendo “a essencialização dos sujeitos, as concepções de normatividade e o enrijecimento de experiências identitárias” (MELO 2015). Quanto aos temas direcionados fase da infância e adolescência, em um dos artigos a sexualidade não é o tema central e sim a violência. Já o de Monteiro et al (2015), há uma problematização sobre a identidade de gênero com um grupo focal de 34 adolescentes do sexo feminino, com o objetivo de se discutir sobre a vivência sexual e apresentando o impacto no desempenho ocupacional das meninas desde a infância em relação aos meninos, de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade, referenciando a cor, tipos de brincadeiras e sobre a liberdade sexual específica de um gênero ou outro, colocando sua visão contrária a esses padrões de normatização de gênero imposto pela sociedade. Na área de formação no artigo de Monzeli (2012), podemos visualizar um panorama sobre as produções científicas de terapeutas ocupacionais em periódicos nacionais e internacionais, sobre o tema sexualidade. Neste estudo foram selecionados 30 textos, sendo 60% no British Journal of Occupational Therapy, e com a menor porcentagem apresentado em nosso território nacional nos Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar com 3,3%, ratificando a necessidade de ampliar a discussão sobre a sexualidade dentro do caráter histórico, cultural e político.

A análise de nossa pesquisa revela a escassez da produção científica sobre o tema da sexualidade e a pouca esfera de abrangência de discussão.

2.2 O CAMPO DA FORMAÇÃO

Para podermos vasculhar a relação do campo da Terapia Ocupacional e sua formação, e como estes se relacionam com a sexualidade humana, metodologicamente iniciaremos fazendo uma vasculha sobre as matrizes curriculares dos cursos públicos de Terapia Ocupacional do Brasil, empregando a ferramenta oficial do Ministério da educação denominada E-mec <http://emec.mec.gov.br/>. Nesta Ferramenta são apresentados todos os cursos de Terapia Ocupacional no Brasil regulamentados pelo Mec. No e-mec foi selecionado os cursos com gratuidade, chegando assim aos cursos públicos do país. Após a contabilização de todos os curso públicos existentes, seguimos em direção a um trabalho mais pormenorizado de busca e análise dos fluxogramas e ementas que possivelmente poderiam apresentar conteúdos sobre a sexualidade humana.

A tabela das instituições do ensino superior estudadas se encontra a seguir

Instituição (IES)	Vagas Autorizadas	Situação
1 - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	100	Em Atividade
2 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)	50	Em Atividade
3- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)	40	Em Atividade
4 - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS - UNCISAL (UNCISAL)	40	Em Atividade
5 - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ (UEPA)	40	Em Atividade
6 - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	25	Em Atividade
7 - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	20	Em Atividade
8 - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP)	40	Em Atividade
9 - UNIVERSIDADE FEDERAL DO	33	Em Atividade

PARÁ (UFPA)		
10 - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	60	Em Atividade
11 - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	60	Em Atividade
12 - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)	62	Em Atividade
13 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	66	Em Atividade
14 - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)	60	Em Atividade
15 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	36	Em Atividade
16 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)	70	Em Atividade
17 - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	60	Em Atividade
18 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP)	40	Em Atividade
19 - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM)	60	Em Atividade
20 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)	40	Em Atividade
21 - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO (IFRJ).	60	Em Atividade

Pela Ferramenta do e-mec identificamos 21 graduações públicas, sendo 5 em universidade estaduais, 1 em instituto federal e 15 em universidade federais dentro do território brasileiro.

Passaremos agora a análise de cada instituição.

Tabela das Instituições públicas em Terapia Ocupacional,

Instituição de ensino superior	Total de Docentes	Presença do Tema sexualidade no Fluxograma	Presença do Tema sexualidade na Ementa	Projeto de Pesquisa/Extensão sobre o tema sexualidade
1- UNB	18	Ausente	Ausente	Ausente
2 - UFS	15	Ausente	Ausente	Ausente
3 – UFSCAR	25	Ausente	Ausente	Ausente
4 - UNCISAL	Não disponível	Ausente	Ausente	Ausente
5 – UEPA	43	Ausente	<p>Disciplina: Laboratório Corporal na Clínica da Terapia I Ocupacional</p> <p>Unidade Temática: Sexualidade Genital.</p> <p>Disciplina: Laboratório Corporal na Clínica da Terapia Ocupacional II</p> <p>Unidade temática: Análise e aplicação das práticas corporais com enfoque no Adulto e Idoso</p> <p>Unidade temática: Sexualidade do</p>	<p>Projeto de Pesquisa</p> <p>Oportunizando vivências saudáveis com crianças institucionalizadas vítimas de violência sexual.</p> <p>Lucivaldo da Silva Araújo</p>

			idoso e Corpo como oficina do prazer	
6 - USP - RP	9	Ausente	Ausente	Não disponível
7 - USP- SP	Não disponível	Ausente	Ausente	Não disponível
8 - UNESP	Não disponível	Ausente	Ausente	Ausente
9 - UFPA	Impossibilidade de identificação dos docentes	Ausente	Ausente	Ausente
10 - UFPR / Diurno	Não disponível	Ausente	Ausente	Ausente
11 - UFPR/ Noturno	Não disponível	Ausente	Ausente	Ausente
12 UFES	13	Ausente	<p>Disciplina: Cultura, Educação e Trabalho na Adolescência. /Juventude</p> <p>Unidade Temática: Reflexão sobre independência, autonomia, projetos de vida, identidades e diversidades étnicas, geracionais, de gênero, de sexualidade,</p>	<p>Projeto de Pesquisa: Em casa, na pista ou na escola é tanto babado: espaços de sociabilidade de jovens travestis.</p> <p>Temática: Terapia Ocupacional Social, Gênero e Sexualidade. Gustavo Monzeli, Março de 2011.</p>
13 - UFMG	17	Ausente	<p>Disciplina: Psicologia I Aplicada À Terapia Ocupacional</p> <p>Unidade Temática: A</p>	Ausente

			<p>sexualidade do lesado</p> <p>Disciplina: Atividade e Desenvolvimento Humano II.</p> <p>Unidade Temática: O adolescente e a sexualidade.</p> <p>Disciplina: Atividade e Desenvolvimento Humano III</p> <p>Unidade temática: Sexo após 60 anos.</p> <p>Sexo e sexualidade diante das mudanças físicas próprias da idade</p>	
14 - UFPB	22	Ausente	Ausente	Ausente
15 – UFPE	18	Não disponível	Ausente	Ausente
16 - UFSM	19	Ausente	Ausente	Ausente
17- UFRJ	24	Ausente	<p>Disciplina: TO na saúde da Criança</p> <p>Unidade Programática Desenvolvimento da sexualidade</p>	Ausente
18 - UNIFESP	3	Ausente	<p>Disciplina: Constituição do humano, políticas e marcadores sociais da diferença.</p> <p>Unidade</p>	<p>Projeto de Extensão: Conversando sobre Saúde e Sexualidade nas escolas: O aparelho reprodutor, as</p>

			temática: Marcadores sociais da diferença: classe, raça/etnia, gênero, sexualidade, fases da vida e geração.	DSTs e os métodos contraceptivos.
19 - UFTM	33	Ausente	Ausente	<p>Projeto de Pesquisa</p> <p>2010</p> <p>Sexualidade e uso de drogas no idoso. (Grasielle Silveira Tavares Paulin)</p> <p>2011</p> <p>1-Retratando cenas cotidianas da sexualidade na velhice (Grasielle Silveira Tavares Paulin).</p> <p>2-Encarando a homossexualidade no processo de envelhecimento : um olhar do terapeuta ocupacional (Grasielle Silveira Tavares Paulin).</p> <p>3-Adolescentes com deficiência visual: percepções sobre a sexualidade</p>

				<p>(Andréa Ruzzi Pereira)</p> <p>2012</p> <p>Sexualidade e envelhecimento : um olhar sobre possibilidades e habilidades (Marina Leandrini de Oliveira);</p> <p>Projeto de Extensão</p> <p>2013</p> <p>Autocuidado na terceira idade: reflexões sobre a sexualidade (Daniel Gustavo Carleto; Marina Leandrini de Oliveira).</p>
20 - UFPEL	8	Ausente	Ausente	Ausente
21 - IFRJ	45	1- Sexualidade e Educação Sexual	<p>Unidade Temática: Estudo da sexualidade humana em seus aspectos biopsicossociais e suas manifestações em diferentes fases da vida. Informação, orientação e educação em sexualidade para crianças, adolescentes e adultos.</p> <p>Disciplina: Mulher e</p>	Ausente

			<p>Sociedade Unidade Temática: A experiência feminina na contemporaneidade enquanto desdobramento de fenômenos subjetivos, sociais e culturais, levando-se em conta as contribuições de perspectivas históricas sobre o feminino, diferenças sexuais, sexualidade, e suas possíveis repercussões sociais, psicológicas, estéticas e políticas. Discussão sobre o conceito de gênero como categoria socialmente construída, articulada a elementos como identidade, papéis sociais e discurso.</p>	
--	--	--	---	--

Segue a seguir os gráficos, apresentando o panorama da pesquisa realizada nas instituições de ensino superior em Terapia Ocupacional.

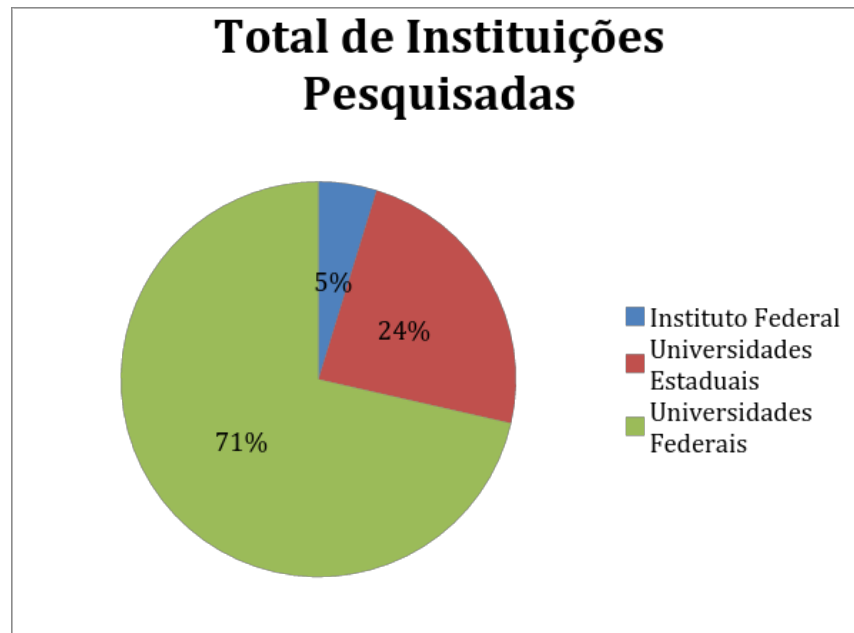


Gráfico 1- Total de Universidades Pesquisadas

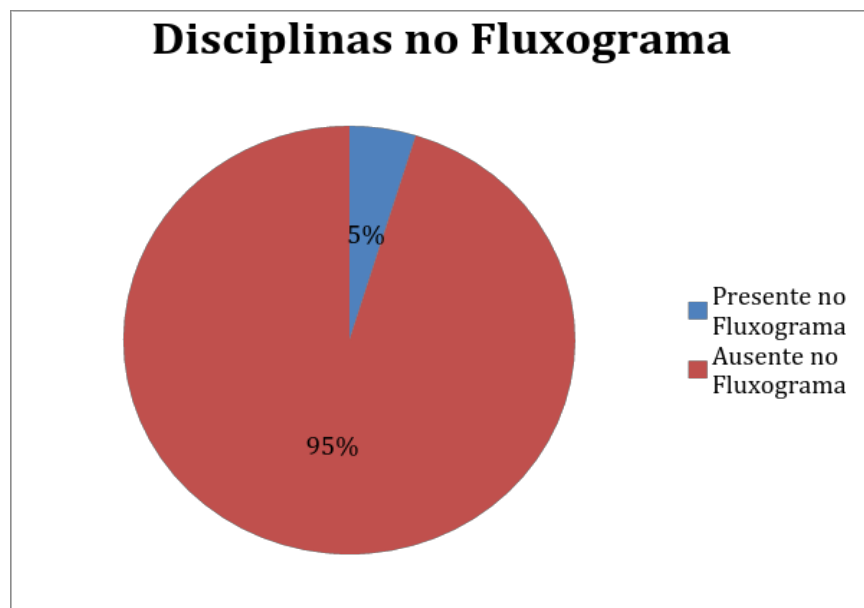
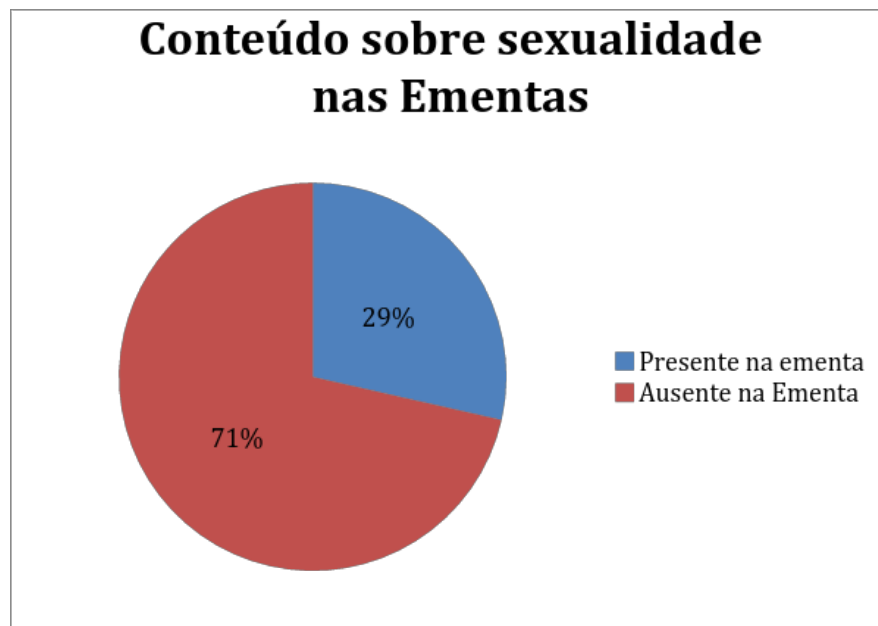


Gráfico 2: Disciplinas nos Fluxogramas



Gráficos 3: Conteúdos das Ementas

No estudo sobre a sexualidade na ementa e das disciplinas das Instituições públicas foi encontrado um número pequeno de unidades temáticas relacionados a sexualidade humana que possam contemplar de forma satisfatória a formação do terapeuta ocupacional. Apenas o IFRJ, a UEPA, a UFMG, a UNIFESP, a UFRJ e a UFES apresentam unidades temáticas sobre a sexualidade em disciplinas. Somente Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), apresenta uma disciplina, "sexualidade e expressão sexual" como disciplina optativa. Sendo a UFMG a que mais discute a sexualidade. Em termos de projetos foram identificados 9 pesquisa sendo duas em projeto de extensão. A UFTM está na liderança com 6 projetos de pesquisa e extensão, este fato faz com que o estado de Minas Gerais seja o líder em sexualidade humana e Terapia Ocupacional. É interessante também perceber que o estado de São Paulo, apesar de ser o líder em graduação em Terapia Ocupacional pública, é extremamente carente na formação para trabalhar com a sexualidade humana.

Por último, nossa investigação foi realizada nas Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs da Terapia Ocupacional. Na avaliação apesar de estar explícito que na formação do terapeuta ocupacional, ele deve conhecer e experimentar analisar, utilizar e avaliar as estrutura e a dinâmica das atividades humanas, a expressão sexual não é citada. Também nos conteúdos formadores da profissão no

eixo de ciências biológicas e da saúde, há uma indicação para o conhecimento dos diversos sistemas e aparelho, mas há ausência dos aparelhos genitais. Nas DCNs não há nada que garanta uma formação em sexualidade para o terapeuta ocupacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, algo do campo técnico é facilmente identificado. Quando observamos os dados coletados sobre a formação, os artigos e a literatura a escassez sobre o tema sexualidade humana e Terapia Ocupacional e extremamente identificada em nosso território nacional. Fato este que até nos dificultou uma discussão sobre essa temática. Em contrapartida, as discussões conceituais sobre o tema corpo, sexualidade e mundo ocidental foram muito mais possíveis devido a uma literatura relativamente ampla que problematiza o tema sexualidade e mundo ocidental. Isso revela que mesmo o homem ocidental tendo avançado sobre discussão sobre sexualidade, a área de saúde, incluindo a Terapia Ocupacional ainda se encontram fora destas transformações. Acreditamos que este fato decorre do credo de que as áreas das ciências duras estão isentas das influências morais. Mas a genealogia crítica aponta o contrário: o campo da saúde é o mais avassalador pela moral.

Apostamos que esse trabalho coloque em análise o próprio campo da Terapia Ocupacional e suas concepções sobre o cotidiano e o fazer humano. Se com o tema da sexualidade humana identificamos uma rígida estrutura moral da profissão, teriam outros temas no campo necessidade de serem trazidos à tona e rediscutidos sobre uma ordem que escape dessa ideologia moralizante?

Nesta pesquisa identificamos que a escassez da discussão conceitual, de estudo e de pesquisa de sexualidade interfere diretamente na formação do terapeuta ocupacional. Entendemos então que o campo deve buscar em outros universos de conhecimento sobre o assunto e trazê-lo para área, para que um dia a Terapia Ocupacional tenha um grupo significativo de profissionais, tanto pesquisadores como clínicos, reconhecidos no campo da sexualidade humana, em suas mais diversas possibilidades.

Não sabemos afirmar com precisão se no campo da atuação clínica nossa dificuldade em trabalhar a sexualidade de nossos paciente, se justifica pela nossa ausência de conhecimento, não recebido durante a formação, ou se ainda está arraigado em nós uma moral que nos impede de adentrar neste campo. Contudo, entendemos que cabe ao processo formativo ressignificar subjetividades constituídas histórica e culturalmente. Cabe aos profissionais envolvidos na

formação do terapeuta ocupacional não só apresentarem conteúdos sobre a sexualidade humana, mas agregar a esses conteúdos uma visão ampla, aberta da sexualidade e desmistificada de uma moral assexualizada, criada na tessitura da subjetividade grega, judaica, cristã e burguesa. Deve uma nova Terapia Ocupacional recolocar a sexualidade não necessariamente na esfera da pornografia, mas pode aprender com Otto Gross os valores de uma cultura erótica, revolucionária, que luta contra as capturas do socius.

Finalizo meu trabalho com a provocante poesia de Caio de Abreu:

Meu coração é um bordel gótico em cujos quartos prostituem-se ninfetas decaídas, cafetões sensuais, deusas lésbicas, anões tarados, michês baratos, centauros gays e virgens loucas de todos os sexos.

Meu coração é um traço seco.

Vertical, pós-moderno, coloridíssimo de neon, gravado em fundo preto. Puro artifício, definitivo. (...)

Meu coração é um bar de uma única mesa, debruçado a qual um único bêbado bebe, um único copo de Bourbon, contemplado por um único garçom.

Meu coração é um sorvete colorido de todas as cores, é saboroso de todos os sabores.

Quem dele provar será feliz para sempre.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION – AOTA. **Occupational Therapy Practice Framework: domain and process**. American Journal of Occupational Therapy, New York, v. 56, n. 6, Nov 2015.
- ALMEIDA, M.V.M. **A Selvagem dança do Corpo**, Curitiba: CRV, 2011.
- BRASIL. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 04 de Julho de 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Despacho do Ministro em 7/12/2001, publicado no Diário Oficial da União de 10/12/2001, Seção 1, P. 22. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces1210_01.pdf. Acesso em: 04 de Julho de 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde sexual e saúde reprodutiva / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.300 p.: il. (Cadernos de Atenção Básica, n. 26).
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. Resolução CNE/CES 6, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES062002.pdf>. Acesso em: 04 de Julho de 2016.
- CORBIN, A; VIGARELLO, G; COURTINE, J. (Orgs.). **História do corpo: As mudanças do olhar: O século XX** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 4 ed.
- DRUMMOND, Adriana de F. Fundamentos da Terapia Ocupacional. In: CAVACANTI, Alessandra e GALVÃO, Claudia. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Lisboa. Martins Fontes, 1970.
- FOUCAULT, Michel. **No nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1980.
- _____. **História da sexualidade 3**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.
- HAGEDORN, R. **Fundamentos da Prática em Terapia Ocupacional**. São Paulo: Dynamis editorial, 1999.
- HANNA, J. L. **Dança, sexo e gênero: signos de identidade**, dominação, desafio e desejo- Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 220-254.

LABAN, Rudolf. **O domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1979.

LIMA, E. M. F. A.; PASTORE, M. N. **Atividade, Ocupação, Fazer e Ação**: a discussão dos termos e dos campos das atividades humanas na Terapia Ocupacional brasileira. [s.l.: s.n.], 2010. Relatório apresentado ao Programa de Iniciação Científica Ensinar com Pesquisa da Universidade de São Paulo.

____. **Arte, Clínica e Loucura – Território em Mutação**. São Paulo: Summus, 2009.

MAGALHÃES, Livia de Castro. Transtorno da coordenação motora e da aprendizagem. In: CAVACANTI, Alessandra e GALVÃO, Claudia. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

MARCUSE, H. (1999). **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: LTC. (Originalmente publicado em 1955).

MENDEZ, Matias. **Otto Gross, Sombra de Carl G. Jung**. Rev. GPU 2015; 11; 3: 247-250, 2015)

MONZELI, G. A.; LOPES, R. E. **Terapia Ocupacional e Sexualidade: uma revisão nos periódicos nacionais e internacionais da área**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 23, n. 3, p. 237-44, set./dez. 2012.

NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1987.

PEDRETTI, Lorraine W. et al. **Terapia Ocupacional: Capacidades práticas para disfunções físicas**. 5ª ed. São Paulo, Editora Rocca, 2005.

RADOMSKI, M., LATHAM, Catherine Trombly. **Terapia Ocupacional para Disfunções Físicas**, 6ª edição. Santos, 05/2013. VitalBook file.

SOHN, Anne-Marie. **História do corpo** vol. 3: as mutações do olhar - o século xx. Petrópolis: Vozes, 2011.

VATSYAYANA, Mallanaa. **Kama Sutra**. São Paulo: L&PM EDITORES, 2006.

WILLARD, H., SPACKMAN, S., CREPEAU, Blesedell, COHN, S., SCHELL, Barbara. Willard & Spackman - **Terapia Ocupacional**, 11ª edição. Guanabara Koogan, 02/2011. VitalBook file.

WILSON, E. O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO (IFRJ). **Fluxograma**. Disponível em:

<>http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/7229> Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO (IFRJ). **Projeto Pedagógico**. Disponível em:

<>http://www.ifrj.edu.br/sites/default/files/webfm/images/PPCTO_atualizado%20em%2030.06.pdf> Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO (IFRJ). **Corpo Docente**. Disponível em:

<><http://www.ifrj.edu.br/sites/default/files/webfm/images/TO-Lista%20de%20docentes%20atualizada%202016.2.pdf>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, FACULDADE DE CEILÂNDIA. **Curso Terapia Ocupacional** Disponível em:

<>http://fce.unb.br/images/documentos/terapia_ocupacional/fluxo_curso_to.pdf>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, FACULDADE DE CEILÂNDIA. **Docentes**<><http://fce.unb.br/docentes-to>>. Acessado em 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS (UNCISAL)- **Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional** .Disponível em: <><http://www.uncisal.edu.br/wp-content/uploads/2011/05/Resumo-PPC-2016-TO.pdf>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP)- **Grade Curricular**. Disponível em:

<><http://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/TerapiaOcupacional/grade-curricular-2012.pdf>. >. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)- **Corpo Docente**. Disponível em: <>http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/graduacao/terapia_ocupacional_graduacao/corpo_docente>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG).- **Conteúdo Programático das Disciplinas**. Disponível em:

<><http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/CONTE%C3%9ADOS%20PROGRAM%C3%81TICOS%20DAS%20DISCIPLINAS%20-%20%202003-2.pdf>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). **Linhas de Pesquisa**. Disponível em: <>http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/graduacao/terapia_ocupacional_graduacao/linhas_pesquisa>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ (UEPA). **Matriz Curricular do Curso de Terapia Ocupacional**. Disponível em:

<>http://paginas.uepa.br/ccbs/terapiaocupacional/images/stories/docs/Estrutura_curricular.pdf>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ (UEPA). **Projeto Pedagógico do Curso de Terapia Ocupacional**. Disponível em:

<>http://paginas.uepa.br/ccbs/terapiaocupacional/images/stories/docs/Projeto_pedagogico.pdf>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP). **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em:

<>http://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/TerapiaOcupacional/ppp_to.pdf. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA). **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <>http://www.ffto.ufpa.br/arquivos/PP_TO.pdf>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA). **Corpo Docente**. Disponível em: <><http://www.ffto.ufpa.br/index.php/com-kunena/com-kunena-category-manager/academico/corpo-docente>> . Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). **Projeto pedagógico do curso de Terapia Ocupacional**. Disponível em:

<>http://media.wix.com/ugd/c8a6f8_4e39b0a02c5a4460ae23f962d82ae34e.pdf> . Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). **corpo Docente**. Disponível em: <http://ufpbterapiaocupaci.wixsite.com/coordenacaoto/student-life>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). **Pesquisa e Extensão**. Disponível em: <><http://ufpbterapiaocupaci.wixsite.com/coordenacaoto/new-page-c19p1>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). **Projeto pedagógico do curso de Terapia Ocupacional**. Disponível em:

<>http://media.wix.com/ugd/c8a6f8_4e39b0a02c5a4460ae23f962d82ae34e.pdf. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)- **Diurno**. Disponível em: <>http://www.ufpr.br/sitesie/pdf/GH_Terapia_Ocupacional.pdf>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)- **Noturno**. Disponível em: <><http://www.saude.ufpr.br/portal/terapiaocupacional/a-universidade/>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL). **Corpo Docente**. Disponível em: <> <http://wp.ufpel.edu.br/terapiaocupacional/corpo-docente/>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL). **Matriz Curricular**. Disponível em:

<><http://wp.ufpel.edu.br/terapiaocupacional/files/2012/05/CURR%C3%8DCULO-ATUAL.pdf>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). **Corpo Docente**. Disponível em:

<>https://www.ufpe.br/ccs/index.php?option=com_content&view=article&id=304&Itemid=378>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). **Matriz Curricular**. Disponível em:

<>https://www.ufpe.br/ccs/index.php?option=com_content&view=article&id=307&Itemid=381>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM). **Corpo Docente**. Disponível em: <><http://coral.ufsm.br/terapiaocupacional/index.php/2016-05-11-19-33-05/2016-05-11-19-43-11>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM). **Pesquisa**. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/terapiaocupacional/index.php/pesquisa>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM). **Extensão**. Disponível em: <><http://coral.ufsm.br/terapiaocupacional/index.php/extensao>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM). **Matriz curricular**. Disponível em: <><http://coral.ufsm.br/terapiaocupacional/index.php/2016-05-11-19-33-30/matriz-curricular>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)- **Projeto pedagógico do curso**. Disponível em :

<><https://portal.ufsm.br/ementario/curso.html?idCurso=1251>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR). **Docentes do DTO**. Disponível em:<><http://www.dto.ufscar.br/docentes-1>>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR). **Pesquisa**. Disponível em: <> http://www.dto.ufscar.br/copy2_of_pesquisa-1>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR). **Projeto pedagógico do curso de graduação em Terapia Ocupacional**. Disponível em: <><http://www.dto.ufscar.br/projeto-pedagogico-to> >. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Faculdade de Medicina de São Paulo-Grade Curricular**. Disponível em:

<><https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=5&codcur=5072&codhab=0&tipo=N>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Grade Curricular.** Disponível em:

<><https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=17&codcur=17200&codhab=4&tipo=N>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Projeto político pedagógico.** Disponível em:

<><http://www.fmrp.usp.br/wp-content/uploads/PPP-T.O.-2015-com-anexos.pdf>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Corpo Docente.** Disponível em:

<><https://uspdigital.usp.br/nereu/mandatoImprimir?codclg=17&sglclg=CG&print=S>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP). **Curso de Terapia Ocupacional.** Disponível em:

<><http://www.unifesp.br/campus/san7/graduacao/cursos/terapia-ocupacional>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Componentes Curriculares.** Disponível em

<><https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/componentes.jsf?id=614>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Corpo Docente.** Disponível em:
<><https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/professores.jsf?id=614>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Projeto de Pesquisa.** Disponível em:
<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/pesquisa.jsf?id=614>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES). **Projeto de Pesquisa.** Disponível em:

<><http://www.terapiaocupacional.ufes.br/content/projetos-de-pesquisa-extens%C3%A3o-e-monitoria-do-curso>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES). **Projeto Político Pedagógico.** Disponível em:

<><http://www.terapiaocupacional.ufes.br/sites/www.terapiaocupacional.ufes.br/files/PC%20-%20Inicio%202015.pdf>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES). **Projetos de Pesquisa, Extensão e Monitoria do Curso.** Disponível em:

<><http://www.terapiaocupacional.ufes.br/content/projetos-de-pesquisa-extens%C3%A3o-e-monitoria-do-curso>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES). **Corpo docente.** Disponível em: <> <http://www.terapiaocupacional.ufes.br/apresentacao>>. **Acessado em: 01 de Agosto de 2016.**

- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). **Corpo Docente.** Disponível em: <> <https://sites.google.com/site/professorestoufrj/>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). **Disciplinas.** Disponível em: <> http://www.medicina.ufrj.br/to/colchoes.php?id_colchao=261. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ) .**Projetos.** Disponível em: <> <https://sites.google.com/site/projetostoufrj/>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM. Lista de Docentes do Curso de Terapia Ocupacional

Disponível em:

<><http://www.uftm.edu.br/paginas/curso/cod/867/area/TERAPIA+OCUPACIONAL/tC/ORPO+DOCENTE> >. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM). **Matriz Curricular.** Disponível em: <http://www.uftm.edu.br/terapia-> . Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM).**Projeto de Extensão.** Disponível em:

<>http://www.uftm.edu.br/upload/ensino/to_projetos_de_extensao_2010_2011.pdf>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM). **Projeto Pedagógico.** Disponível em:

<> <http://www.uftm.edu.br/terapia-ocupacional/projeto-pedagogico>>. Acessado em: 01 de Agosto de 2016.